



# Repensando a polarização: o corpo e o renascimento da política

*Rethinking polarization:  
the body and the renaissance of politics*

*Repensar la polarización:  
el cuerpo y el renacimiento de la política*

**Helena Katz**

**Helena Katz**

Doutora em Comunicação e Semiótica pela  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).  
Professora.



## Resumo

O uso frequente do conceito de polarização em contexto político pede atenção, sobretudo por dois equívocos: torna equivalente o que instala nos seus dois polos, e se assenta na transformação do divergente em inimigo a ser eliminado. O objetivo do texto é compreender os danos do uso inadequado deste conceito recorrendo ao que a natureza já nos ensina, com os polos magnéticos e geográficos, e agregando o que vem sucedendo com o corpo na sua relação com as telas. Autores como Pariser (2011), Ugresic (2011), Brugnago e Chaia (2014-2015) e Arantes (2014) fundamentam a argumentação aqui reunida na forma de revisão bibliográfica. A hipótese é a de que a fabricação do sujeito *me, myself and I* (KATZ, 2016, 2017) favorece a falta de rigor que vem caracterizando a comunicação, com consequências ameaçadoras à democracia.

**Palavras-chave:** Polarização, Corpo e telas, Hábitos cognitivos, Sujeito *me, myself and I*.

## Abstract

The recurring use of the term 'polarization' in political contexts demands caution, mainly by two misconceptions: it equates the arguments in its two poles, and it is based on transforming the divergent into an enemy to be eliminated. This paper seeks to understand the damages caused by such misuse, drawing on knowledge about magnetic and geographic poles, and adding the transformations undergone by the body in its relationship with the screens. Authors such as Pariser (2011), Ugresic (2011), Brugnago and Chaia (2014-2015) and Arantes (2014) support the arguments gathered by bibliographic review. Production of the *me, myself and I* subject (KATZ, 2016, 2017) would favor the lack of rigor that characterizes present communication, producing threatening consequences for democracy.

**Keywords:** Polarization, Body and screens, Cognitive habits, *Me, myself, and I*.

## Resumen

Llama la atención el uso frecuente del concepto de polarización en el contexto político, principalmente por dos equivocaciones: hace equivalente lo que instala en sus dos polos y se basa en la transformación del divergente en enemigo que debe ser eliminado. El objetivo de este texto es comprender el daño del uso inapropiado de este concepto, recurriendo a lo que ya nos enseña la naturaleza con los polos magnético y geográfico, y agregando lo que sucede al cuerpo en su relación con los lienzos. Para ello, se realizó una revisión bibliográfica basada en autores como Pariser (2011), Ugresic (2011), Brugnago y Chaia (2014-2015) y Arantes (2014). Se parte de la hipótesis de que la constitución del sujeto *me, myself and I* (KATZ, 2016, 2017) favorece la falta de rigor que ha caracterizado la comunicación, con consecuencias amenazadoras para la democracia.

**Palabras clave:** Polarización, Cuerpo y lienzos, Hábitos cognitivos, Sujeto *me, myself and I*.

Dizei-me com quem andas e te direi se vou contigo.

Barão de Itararé

Viver às claras, aproveitando as gemas e economizando as cascas.

Barão de Itararé<sup>1</sup>

A palavra “polarização” adentrou no cotidiano como um mantra midiático, repetido e repetido para legitimar uma (falsa) impossibilidade: pensamentos divergentes não podem conversar porque são inimigos, e inimigos precisam ser combatidos e eliminados. Do modo como vem sendo difundida, a palavra “polarização”, além de não expor o que deveria, simplesmente absolve o que não poderia – no caso, a violência de uma operação que precisa estar em visibilidade, a operação que, sem alarde, transforma o divergente em inimigo, produzindo consequências relevantes. Quando se passa a usar, corriqueiramente, uma palavra que faz parte do vocabulário da guerra,

---

<sup>1</sup> O jornalista e escritor Apparício Fernando de Brinkerhoff Torelly (1895-1971) construiu, no jornal que criou, *A Manhã* (1926-1959), com mais de 450 textos (1926-1935), o personagem Barão de Itararé, um dos pioneiros do humorismo político, que enfrentou o integralismo com a irreverência cáustica que o distinguiu.

como é o caso de “inimigo”, o contexto de guerra vai se instalando, sem que se perceba a extensão e o alcance do que ele autoriza.

Talvez, a “polarização” tenha se tornado uma daquelas “palavras fatigadas de informar”, como Manoel de Barros (1916-2014) diz no poema “O Apanhador de Desperdícios”, que está no livro *Memórias Inventadas: a infância* (2003). A proposta, aqui, é a de chamar a atenção para o fato de que, para retirá-la dessa condição, restabelecendo as pertinências de seus usos, é indispensável reconhecer o que vem acontecendo ao corpo, na sua relação com as telas. A hipótese é a de que se faz necessário reunir autores que estudam o corpo e os que investigam a política.

Vamos começar pelo corpo, pois o ambiente online se tornou muito propício para o fortalecimento da dificuldade em lidar com pensamentos diferentes dos nossos. O corpo, depois de tantos anos de práticas nas redes antissociais (VAIDHYANATHAN, 2018)<sup>2</sup>, alimentadas pela desinformação e pelo cultivo de todos os tipos de preconceitos e de racismos, desenvolveu um tipo de sujeito voltado para si mesmo, um sujeito *me, myself and I* (mim, eu mesmo e eu) (KATZ, 2016, 2017), com um tipo de sociabilidade que tende a acolher apenas os iguais. Esse sujeito se autoriza a pensar o mundo apenas a partir de suas ideias, sem necessidade de buscar o conhecimento indispensável para fundamentá-las.

O uso individualizado de dispositivos de conexão favoreceu o que estava latente. As redes antissociais foram uma ignição potente no desenvolvimento desse novo sujeito *me, myself and I*, que age a partir do que gosta ou não gosta, pois treina diariamente a só fazer o que quer, quando e do jeito que quer, com quem quer. Pressiona uma única tecla para deletar o que não lhe agrada ou para curtir o que agrada, e quem se habitua a atuar apenas a partir de si mesmo tende a manter esse comportamento também fora das telas, afinal, ainda não temos dois corpos, um para “usar” se comunicando via telas e outro para se relacionar sem elas.

Se somos uma coleção de informações na forma de um corpo, que troca com o ambiente, o relacionamento com as telas tenderia mesmo a transformar a coleção existente antes desse contato passar a pautar a vida de tantos

---

<sup>2</sup> Siva Vaidhyathan (2018), da Universidade da Virgínia, propõe que passemos a empregar essa nomenclatura, uma vez que as redes têm nos desabilitado para o convívio.

de nós. Como passamos muitas horas usando dispositivos com telas, novos hábitos são produzidos, e são esses novos hábitos que gestam um sujeito habituado a ter o seu desejo sempre atendido, muito destreinado nas saudáveis práticas de ser contrariado, desmentido, questionado. Conversar apenas com quem concorda é ouvir a sua voz em eco, situação que produz sujeitos que se comportam como crianças mimadas, pois não aceitam quem os contraria. Separar os que concordam dos que discordam, encapsulando-se entre os iguais, eis o ambiente mais favorável para o fortalecimento disso que vem sendo chamado (equivocadamente) de “polarização”.

Eli Pariser (2011), ativista que trabalha para que as redes colaborem com a democracia, explica que, ao mesmo tempo em que nos conectamos, também nos afastamos uns dos outros, na medida em que passamos a ser o filtro de todas as formas de comunicação que se estabelecem e das que deixam de poder se estabelecer. Lembra que, no começo da internet, muitos de nós acreditamos que, de fato, estava nascendo uma aldeia global, na qual trabalhadores da Etiópia e de Nova York construiriam juntos uma comunidade.

Mas não é isso que está acontecendo: os nossos vizinhos de porta virtuais são cada vez mais parecidos com nossos vizinhos reais, e os nossos vizinhos reais são cada vez mais parecidos conosco. Estamos criando muitas ligações, mas muito poucas pontes. E isso é importante, pois são as pontes que criam nosso senso do que é “público” – o espaço em que resolvemos os problemas que transcendem nosso nicho e nossos restritos interesses pessoais. (PARISER, 2011, p. 21)

Houve um tempo, não muito distante, no qual os embates incluíam debates. Vale lembrar que as duas potências que se uniram para derrotar a Alemanha (Rússia e Estados Unidos) terminaram dividindo o mundo em dois blocos, e já entre 1951 e 1953, travavam sua primeira guerra, na Coreia. Esses dois blocos sustentaram a Guerra Fria (1947-1991). No Brasil, também temos familiaridade com dois blocos políticos distintos. Exemplos recentes: depois da ditadura Vargas (1930-1945), os partidos opositores foram a União Democrática Nacional (UDN) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e, mais adiante, o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), de certa forma, mantiveram esse tipo de relação. A convivência entre os discordantes era tão possível que até o

presidente e o vice, tempos atrás, podiam ser eleitos por chapas diferentes. Por isso, Getúlio e Café Filho não governavam com os mesmos princípios<sup>3</sup>.

Hoje, se repete muito que “a sociedade está polarizada,” mas, geralmente, a relação do corpo com a tecnologia não é trazida para essa conversa, e é o corpo que pode enlaçar os distintos campos de conhecimentos necessários para compreender o que se instaurou no Brasil, sobretudo a partir das eleições de 2014.

Passamos a conviver com expressões que se popularizaram muito velozmente: “polarização,” “cultura do ódio,” “declínio da democracia,” “cultura do cancelamento,” “*fake news*.” A associação entre política e corrupção se alastrou como se fosse uma verdade universal, dando chance para que surgissem paladinos da decência e dos bons costumes se autorizando a garantir a existência de um único mundo correto – o que eles propagam. Tal como o desconhecimento sobre a peste bubônica, na Baixa Idade Média, na Europa, fez com que centenas de fogueiras fossem acesas para caçar as bruxas e seus poderes sobrenaturais, hoje também se continua a acreditar que a solução para os problemas do Brasil é apontar quem os causa, identificar os responsáveis pelos “males que causam à nação” – uma expressão, aliás, que foi consagrada na Inquisição Ibérica e, depois, recuperada na Alemanha nazista, segundo Carneiro (2020).

E não se trata somente do Brasil. O genocídio dos tutsis, em Ruanda, e o da população Rohinya, em Myanmar; a crise humanitária da guerra civil síria (400 mil mortos) em Idlib, que provocou um êxodo de 900 mil civis; o Holocausto; o que sucede com imigrantes e refugiados, em tantos países; os ataques a locais de culto no Sri Lanka, em Burkina Faso, em Christchurch (Nova Zelândia), e em Pittsburgh (Estados Unidos) são, cada um no seu ambiente, exemplos da implantação do “eu contra eles,” que sustenta e é sustentado pela repetição dos discursos de ódio.

Portugal, que resistia à onda de radicalidade de direita que invade a Europa, vê crescer a rápida popularidade do Chega, um partido com propostas nacionalistas e antissistema, apoiadas por grupos neofascistas e setores

---

3 O cargo de Vice- Presidente da República foi criado em 1891, com a primeira Constituição republicana. O eleitor votava para presidente e para vice separadamente, o que tornava possível escolher candidatos de partidos distintos. O governo provisório de Getúlio Vargas (1930-1934) extinguiu a vice-Presidência, o que foi oficializado na Constituição de 1934 e, somente na Constituição de 1967, promulgada durante a Ditadura Empresarial-Militar, o posto voltou, mas de forma indireta, em chapa única com o presidente da República.

ligados à polícia e às Forças Armadas, que elegeu seu primeiro deputado em outubro de 2019<sup>4</sup>. Na Itália, a Casa Pound<sup>5</sup>, que tem mais de 15 mil filiados e 120 sedes espalhadas pelo país, reinventou o fascismo italiano e elegeu 63 vereadores, que querem o fechamento das fronteiras, pois “a imigração faz mal para a Itália” (CESAR, 2020).

Tais discursos incitam ações violentas, contudo, para compreender o que leva ao crescimento do autoritarismo e da intolerância, e para saber por que países de histórias e tradições muito distintas têm migrado para regimes autoritários, não vamos repetir que agora, “o mundo está polarizado”. Mais que uma explicação, soa como a aceitação de um destino inevitável, no qual cabe somente escolher o polo certo, e é justamente contra essa proposta que este texto precisou ser escrito. Há que buscar o que está erodindo as normas democráticas e promovendo a “cultura do ódio” e a falta de confiança nos partidos políticos. É urgente desconfiar do uso que vem sendo feito da nomeação de “polarização”, pois não se trata de uma patologia nacional, mas de um fenômeno viral, com força para desafiar a política tradicional. McCoy, Rahman e Somer (2018) definem a polarização como “um processo em que a multiplicidade normal de diferenças em uma sociedade se alinha cada vez mais em torno de uma única dimensão, as diferenças transversais se tornam reforçadas e as pessoas percebem e descrevem cada vez mais a política e a sociedade em termos de ‘nós’ contra ‘eles’”<sup>6</sup>.

Quando Agamben (2019) apresentou “A propósito de Tiqqun”, a fala que preparou para o evento em torno de *Uma metafísica crítica poderia nascer como ciência dos dispositivos*<sup>7</sup>, organizado por Eric Hazan, no Lavoir Moderne Parisien, em 19 de abril de 2009, chamou a atenção para o fato de que os dois planos de análise, que, em Foucault, ainda estavam separados

4 André Ventura propõe a castração química de pedófilos, a introdução de trabalho obrigatório nos presídios, sugeriu que a deputada Joacine Katar Moreira, negra e nascida na Guiné-Bissau, fosse “devolvida a seu país de origem”.

5 O nome é uma homenagem a Ezra Pound (1885-1972), poeta norte-americano fascista e antissemita.

6 “a process whereby the normal multiplicity of differences in a society increasingly align along a single dimension, cross-cutting differences become reinforcing, and people increasingly perceive and describe politics and society in terms of ‘us’ versus ‘them’”.

7 Este foi o texto fundador da Sociedade para o Desenvolvimento da Sociedade Criminal (SASC), uma associação sem finalidades lucrativas dedicada a recolher e difundir anonimamente os saberes-poderes úteis às máquinas de guerra anti-imperiais (TIQQUN, 2019).

(dispositivos de governo e processos de subjetivação), encontravam seu ponto de junção na “zona de indiferença”, que Tiqqun formulava no texto que estava sendo lançado. Essa zona opaca é aquela nascida do entendimento de que “uma teoria do sujeito só é possível como teoria dos dispositivos” (TIQQUN, 2019, p. 261), ou seja, a proposta foi identificar que dispositivo e sujeito passaram a coincidir.

O poder não se coloca mais em face da sociedade civil e da vida como hipóstase soberana, mas coincide inteiramente com a sociedade e com a vida; ele não tem mais centro, mas é um imenso acúmulo de dispositivos nos quais estão enredados o sujeito, ou antes, como diz Foucault, os processos de subjetivação. (TIQQUN, 2019, p. 260-261)

Esse tipo de junção, identificado por Agamben no texto do Tiqqun, fortalece a necessidade, aqui apontada, de se trazer a relação do corpo com as telas (processos de subjetivação movidos pelo uso dos dispositivos) para pensar a questão da polarização. Pode ser sugerida uma outra “zona opaca”, reunindo três instâncias: o que acontece com o corpo que vive cercado de telas, o que se chama (indevidamente) de “polarização”, e a crise pela qual a democracia passa. Nessa crise, a razão, essa espécie de atestado que vem sendo apresentado como o que distingue os humanos, é trocada pelo exercício de um tipo de poder (biopoder) que regula a distribuição da morte. Começa com a instituição de um inimigo ficcional, identificado como o Outro (aquele que é diferente de mim), que me ameaça e, então, deve ser destruído. Isolo-o em um grupo, formado pelos Outros com os quais se assemelha, e passar a odiá-los, desejando exterminá-los, torna-se uma condição para a minha sobrevivência. É assim que a paz se torna uma guerra sem fim, e o “nós” contra “eles” passa a ser uma senha que costura bolhas-bunkers, surdas e cegas para o seu entorno.

## **Polarização ou divisão aparentemente irreconciliável?**<sup>8</sup>

Há uma complexidade a ser enfrentada, quando se deseja tratar de “polarização”, porque a mesma palavra nomeia fenômenos diferentes,

---

<sup>8</sup> As informações técnicas aqui reunidas vieram de pesquisas em diversos sites, consultados entre 20 e 25 de fevereiro de 2020: [www.educacao.uol.com.br](http://www.educacao.uol.com.br), [www.mundoeducacao.bol.uol.com.br](http://www.mundoeducacao.bol.uol.com.br), [www.stoodi.com.br](http://www.stoodi.com.br), [www.brainly.com.br](http://www.brainly.com.br), [www.sofisica.com.br](http://www.sofisica.com.br), entre outros.

em campos distintos do conhecimento. Para começar, podemos lembrar dos polos magnéticos<sup>9</sup> e dos polos geográficos.

A natureza nos ensina algo precioso, pois nela não existem polos isolados, apenas aos pares. Se forem polos magnéticos, formarão um ímã, e os polos de um ímã são inseparáveis, a ponto de surgir um novo polo, caso um deles tenha sido cortado, para garantir a continuidade do outro, o que não foi cortado. A destacar que, quando esses dois polos inseparáveis são aproximados, se forem iguais, irão se repelir, e se forem diferentes, se atrairão, ou seja, na natureza, existe um tipo de polarização distinto daquele que passou a ser falado na política, e que se popularizou midiaticamente.

Para não achatar a questão com as simplificações que a têm pautado, vale lembrar que, na política, também é possível recorrer a Bobbio (1995), para quem direita e esquerda compõem uma díade, uma forma de pensamento na qual a existência de uma implica na existência da outra, e a ausência de uma delas inviabilizaria a presença da outra. Direita e esquerda seriam antitéticas, dependendo da contradição entre elas para existir, ou seja, também no campo da política, há quem explique a necessidade de manutenção dos dois polos; mas, quando se trata de formulações extremistas, que não mais cabem no exercício democrático de posições políticas divergentes, como é o caso do quadro que a “polarização” insiste em nomear, é a violência da guerra que prevalece.

Os polos inseparáveis que constituem um ímã (um corpo que possui propriedades magnéticas) geram um campo magnético ao seu redor. O campo magnético protege o planeta contra as radiações espaciais, e há pássaros que usam o campo magnético para guiar as suas migrações.

Sabe-se que a Terra tem magnetismo mais forte nos polos, e que eles mudam de posição lentamente. A certa altura, pode acontecer o fenômeno da inversão geomagnética, no qual os polos norte e sul trocam de posição, porque ocorre um declínio na intensidade do campo magnético. A mais recente se

---

9 As primeiras observações relativas ao magnetismo foram registradas na Grécia Antiga, em uma cidade denominada Magnésia. Lá se encontrava um mineral que tinha a capacidade de atrair pequenos objetos de ferro, que passou a ser conhecido como magnetita, em referência ao lugar onde foi encontrado. Magnetismo tem também a mesma origem histórica, e os estudos no seu campo foram desenvolvidos pelo físico Inglês William Gilbert (1554-1603), no século XVII, que descobriu o campo magnético terrestre e as propriedades dos ímãs.

deu há 78 mil anos e, de acordo com os cientistas que investigam o assunto, estão ocorrendo transformações em ritmo mais acelerado do que o padrão estabelecido. Esse fenômeno da inversão geomagnética dos polos magnéticos também exemplifica um outro traço de distinção com o entendimento de “polarização” que se popularizou fora da ciência, pois explicita que os polos não são fixos e até podem trocar de localização entre si.

Vamos, agora, passar para os polos geográficos. Até o início do século XIX, acreditava-se que os polos geográficos e magnéticos ficavam no mesmo lugar, mas, em 1831, quando o explorador inglês James Clark Ross chegou, pela primeira vez, ao lugar do Ártico onde a bússola aponta para o chão – o norte magnético – descobriu que eles não coincidiam. A atual distância entre eles é de 11 graus.

Os dois tipos de polos se distinguem: os polos magnéticos são consequência de um fenômeno natural, mas os geográficos, localizados nas extremidades do eixo perpendicular ao plano do Equador, são uma convenção para designar duas extremidades bem diferentes de um eixo imaginário da Terra. No Polo Norte, o Ártico, o mar é congelado, e lá existe apenas água, com um oceano muito profundo, e o Polo Sul, a Antártica, é uma terra coberta por muito gelo, que fica acima do nível do mar.

Aprender que não existe apenas um tipo de relação entre os polos, e que esta palavra captura uma constelação de situações distintas, pode nos ajudar a pensar o karaokê que estamos fazendo do uso da “polarização” no campo político.

Quem formulou o conceito de karaokê aplicado à cultura foi Dubravka Ugresic, que escreveu, em 2011, o livro *Karaoke Culture*. Ela nasceu na extinta Iugoslávia, conseguiu um passaporte croata depois que seu país deixou de existir, e precisou se exilar em Amsterdã quando começou a publicar textos contra a guerra entre a Sérvia e a Croácia, que devastou a região, de 1991 a 1995. Passou a ser acusada de “traidora” e de ser uma “bruxa”. Ela se autodenomina “a-nacional” e “eticamente inautêntica” porque se recusou a se identificar com os novos nacionalismos que surgiram nos Balcãs depois do fim da Iugoslávia. Ela é uma “tradutora das perdas” e uma “arquivista das mudanças” na Europa, depois de 1989, diz Velickovic (2009).

O que tem de muito potente na sua formulação de que estamos em uma cultura karaokê é o fato dela destacar que essa cultura se distingue por permitir o anonimato via tecnologia. Convivemos com toneladas de informação sem procedência, e as repetimos, passamos adiante. É tanta gente fazendo exatamente isso, ou seja, fazendo karaokê de falas prontas, que são muito poucos os que se destacam dessa massa de anônimos, sem esquecer que inúmeros desses anônimos se veem como possíveis celebridades, além de se considerarem verdadeiras autoridades capazes de falar sobre qualquer assunto.

Parece inegável que vivemos em um ambiente karaokê. Pela nossa boca nem sempre sai um discurso que ajuda a construir o mundo que desejamos, e mal percebemos esse comportamento. Como usamos falas prontas sem checar a sua pertinência, muitas vezes, acabamos fortalecendo o que desejamos enfraquecer, porque fazemos karaokê do que mais se popularizou, tal como que vem sucedendo com a repetição de que “a sociedade está polarizada”.

Também por isso, a violência do que se nomeia como “polarização política” deve ser entendida no contexto da violência estrutural que tece a história do Brasil.

### **Situando o Brasil na polarização política assimétrica**

Segundo estudo lançado em dezembro de 2021 pelo World Inequality Lab (Laboratório das Desigualdades Mundiais), que integra a Escola de Economia de Paris, o Brasil, entre os membros do G20, é o segundo país mais desigual, atrás apenas da África do Sul (FERNANDES, 2021).

Essa nefasta conquista vem sendo tecida há 522 anos, a partir da ferocidade com que os colonizadores aqui se impuseram, que se perpetuou nos abusos da escravidão e nos privilégios da casa grande, mantidos até hoje, que continuam a sustentar as muitas formas de segregação e preconceito, o ódio de classe e os diferentes racismos que estruturam a nossa sociedade. Afinal, ainda vivemos no país povoado por “peles alvas e peles alvo”, como canta Emicida (ISMÁLIA, 2019). Alicia Bárcena, chefe da comissão econômica das Nações Unidas para a América Latina, em entrevista ao jornal *El País*, citada por Marilene Felinto na *Folha de São Paulo*, em 16 de fevereiro de 2020, também nos lembra que “a cultura do privilégio continua fabricando miseráveis”.

O modelo econômico aplicado na América Latina está esgotado, é extrativista, concentra a riqueza em poucas mãos e quase não tem inovação tecnológica. Ninguém é contra o mercado, mas ele deve estar a serviço da sociedade, e não vice-versa. (FELINTO, 2020)

Para Brugnago e Chaia (2014-2015), são criados dispositivos ideológicos para se conviver com a violência social, tentando apagá-la. Os autores citam os quatro listados por Chauí (1995): (1) a violência existente no Brasil é produzida por quem nasceu no Brasil, mas não faz parte da nação, ou seja, os “eles”: negros, pobres, homossexuais, nordestinos e, mais recentemente, os “esquerdopatas”; (2) quando ocorre, a violência é pontual, produzida por algum desequilíbrio momentâneo do agressor; (3) mas existe, sim, uma violência, aquela contra o patrimônio (roubo de celular, de objetos, de propriedades), e seu autor não deve fazer parte da sociedade porque ameaça a sua estabilidade; e (4) invertendo a realidade, a responsabilidade da violência passa a ser de quem sofre a violência, não do agressor (a mulher precisa saber como se vestir para evitar ser molestada; se o policial agrediu, algo havia; é preciso “recuperar”, com a “cura gay”, aquele que se desviou do padrão estabelecido para as sexualidades; os negros estão roubando as vagas nas universidades, que deviam continuar a ser preenchidas somente pelo critério do mérito etc.).

A violência dessas formas de “suprimir a violência” povoa o cotidiano, fabricando o medo de um inimigo responsável por todos os males. Essa operação pode ser reconhecida na escolha dos judeus como os responsáveis pelos problemas na Alemanha nazista, e, assim, justificar o seu extermínio, ou também na ameaça de que o comunismo, que nunca existiu por aqui, seja implantado e destrua os “brasileiros do bem”.

A necessidade de inventar um inimigo é bem atendida pelo fomento do “nós” contra “eles”. Os “do bem” se agrupam para eliminar os “do mal”, instituindo um modelo de sociedade que ignora que o direito à discordância e à resistência, constituindo o sistema de direitos humanos fundamentais. Quando tais direitos perdem a validade, sendo substituídos pelos “discursos de ódio”, o contrato social desaparece e a barbárie se estabelece. Não se trata de polarização, uma vez que o objetivo passa a ser a eliminação, e não o convívio com aquele que discorda.

A polarização da qual tanto se fala hoje, no Brasil, tem um rastro atrás de si, e nele, um dos marcos mais recentes é 2013. Ainda assim, não podemos esquecer, por exemplo, dos conturbados anos 1930 e 1940 e das práticas autoritárias que lá operaram, afinal, depois do fracasso do levante comunista de 1935, que favoreceu a aproximação de Getúlio Vargas e da cúpula militar, foi o confronto entre a Aliança Nacional Libertadora (ANL) – que reivindicava a reforma agrária, o salário mínimo, a nacionalização das empresas estrangeiras e o cancelamento da dívida externa – e uma direita integralista, cujo lema era “Deus, Pátria e Família,” que exigia um Estado autoritário e forte e o uso da violência como arma política, que desaguou no golpe do Estado Novo (1937-1945).

Nas manifestações de 2013, os celulares registraram o que não aparecia na mídia tradicional. As redes sociais, pela primeira vez, se mostraram um meio de comunicação de amplo alcance. Também pela primeira vez, cada um portava um cartaz da largura do seu corpo, com uma reivindicação escrita à mão, compondo um mar de diferentes tipos de protestos. Manifestações do sujeito *me, myself and I*.

A combinação destas duas novidades explicitava algo importante, que estava em curso, mesmo sem ser notado: o sujeito que era convocado pelas redes sociais para ir às ruas era o mesmo sujeito que passava muitas horas de cada um de seus dias fazendo apenas o que desejava nas telas, aquele que diz o que quer, deleta o que não lhe interessa, e se cerca apenas dos que concordam com ele. Se, antes, apenas a esquerda ia para as ruas, agora, os que haviam se treinado a “participar” online também passaram a ocupá-las.

Quando as regras da vida privada passam a comandar os comportamentos, torna-se difícil reconhecer os vínculos com as responsabilidades da vida pública. A desesperança e a descrença nas ações coletivas se fortalecem, a vida em sociedade deixa de ser vista como a resposta possível aos danos do individualismo exacerbado, e se alastra uma cegueira sobre o tipo de ameaça que isso produz na democracia, na deliberação em comum e no pensamento crítico.

Di Fátima (2019), jornalista e escritor, em seu livro *Dias de Tormenta* (2019), liga as manifestações de 2013 com a chegada da extrema direita ao poder no Brasil. Contabiliza em torno de 73 protestos, a partir do primeiro, o de 21 de janeiro de 2013, em Porto Alegre, no Largo Glênio Peres, com cerca

de 200 pessoas, cuja convocação se deu pelas redes sociais, e foi organizada pelo Bloco de Luta pelo Transporte Público (BLTP), um coletivo que abrigava diferentes grupos ativistas no Rio Grande do Sul. A luta era contra o aumento da passagem de ônibus, que subiria de R\$ 2,85 para R\$ 3,30.

O mesmo motivo (mas nesse caso, um aumento de R\$ 0,20) deflagrou, alguns meses depois, em junho, quatro protestos em São Paulo, convocados pelo Movimento Passe Livre (MPL). No dia 13, o ato foi reprimido com muita violência pela polícia do então governador Geraldo Alckmin, em um embate que durou quatro horas, e gerou protestos da Anistia Internacional.

No dia seguinte, um obscuro deputado federal do Partido Progressista (PP), o capitão reformado Jair Messias Bolsonaro, de 58 anos, que, até então, mantinha três perfis na internet, lançou sua *fanpage* oficial no Facebook. Sua primeira comunicação recebeu 617 curtidas, 69 partilhas e 97 comentários.

Os partidos de esquerda não perceberam, tampouco os jornalistas e intelectuais. Nascia ali um exército virtual de anônimos, voluntários, que usaria as *fake news* como arma para escoltar a extrema-direita até o Palácio do Planalto. Os soldados da incursão, na maioria jovens, ficariam conhecidos por bolsominions. (DI FÁTIMA, 2019, p. 222)

Em duas semanas, o movimento ganhou dimensão nacional. Militantes de todos os partidos políticos passaram a ser hostilizados e, aos poucos, surgiram as primeiras bandeiras do Brasil e a camiseta da seleção. “Na penumbra virtual, os bolsominions cresciam e iniciavam o planejamento das estratégias de guerra” (Ibidem, p. 225). A credibilidade dos políticos passou a ser posta em dúvida, e os partidos de esquerda começaram a ser combatidos. O discurso antissistema se fortaleceu.

Esse tipo de dualidade entre esquerda e uma “nova” direita se firmou com distintas reivindicações, e impediu pautas comuns. Aos poucos, os “discursos de ódio” tomaram o lugar dos embates de ideias. Paulo Arantes (2014), filósofo e professor da Universidade de São Paulo (USP) aposentado, em entrevista à *Folha de São Paulo* (2014), aponta este como “um dos fenômenos mais importantes do Brasil contemporâneo”.

A lenga-lenga do Brasil polarizado é apenas uma lenga-lenga, um teatro. Nos Estados Unidos, democratas e liberais se caracterizam pela moderação –

como a esquerda oficial no Brasil, que é moderada. O outro lado não é moderado. Por isso, a polarização é assimétrica. (ARANTES, 2014)

Para poder ser classificada como uma polarização política, seria necessário um afastamento proporcional dentro da dualidade, com um mesmo grau de intensidade, mas na direção oposta. Precisaria ser simétrica e antagônica. Para Arantes (2014), ou para Brugnago e Chaia (2014-2015), todavia, o que ocorreu foi um afastamento assimétrico, com diferentes graus de radicalização – deixando, assim, de poder ser chamado de “polarização”. O que os “polariza” não é apenas uma diferença de intensidade no grau de radicalização, mas o fato de serem dois tipos de discurso, de naturezas distintas: um deles não tem compromisso com fatos e provas, e encontrou na internet o ambiente propício para se disseminar; e o outro vem de ambientes tradicionais de comunicação e tenta ser transposto para a internet, mas continua estruturado com argumentos que pressupõem diálogo e transformação.

Em “Das Jornadas de Junho à Cruzada Moral: o Papel das Redes Sociais na Polarização Política Brasileira” (2019), Jorge Machado, da USP, e Richard Miskolci, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), tratam dos usos da internet por grupos de direita e de esquerda. Eles reconstróem uma cronologia para a “polarização” atual. Lembram que os primeiros a usar a rede com impacto na opinião pública foram grupos de esquerda, os zapatistas (1998), com a figura de um herói anônimo mascarado, o subcomandante Marcos, que se disseminou da província mexicana de Chiapas, de base agrária e indígena, para o mundo.

Segundo Machado e Miskolci (2019), as primeiras manifestações anti-globalização, que aconteceram em Seattle (1999), deram origem a uma mídia independente. Como as batalhas nas ruas com a polícia impediam o deslocamento dos delegados e da imprensa, as imagens que chegavam ao noticiário da grande mídia eram as produzidas pelos jornalistas independentes. Quem se destacou nisso foi a Indymedia (Independent Media Center – IMC), espécie de precursora da Mídia Ninja. Na Indymedia, os textos não eram escritos apenas por jornalistas. Editado em várias línguas, o site podia ser usado por qualquer um para difundir eventos, ideias, notícias; não havia nenhuma forma de moderação do que era publicado. Facebook e Twitter ainda não existiam, e o Google era apenas mais um mecanismo de busca.

No Brasil, na segunda metade dos anos 1990, já circulava o site de Olavo de Carvalho, que misturava escritos sobre política com o moralismo retrógrado com que tratava de temas como homossexualidade, gênero, direito ao uso de armas, defesa da propriedade privada e “esquerdismo”. Foi um dos pioneiros do ativismo de direita na internet, inspirou o MBL e o Vem Pra Rua, e tornou-se o guru do atual governo. Como resposta ao Indymedia, ele criou, com colaboradores, uma rede de informação privada, a Mídia Sem Máscara (MSM), em 2002.

Na década de 2010, com a expansão da internet, a força desses canais de comunicação diminuiu, e as redes que se fortaleciam possibilitaram, por exemplo, a Primavera Árabe (2010), o Occupy Wall Street (2011) e os Indignados (2011). Tais mobilizações se apoiavam, sobretudo, no poder dos algoritmos em induzir a ação política.

## Corpo e democracia

É difícil viver em tempos de transição, nos quais parece que não há nada em comum além da “polarização” que aprisiona as divergências em bunkers-bolhas, mas há: o corpo pode demonstrar como transformamos as redes antisociais<sup>10</sup> (VAIDHYANATHAN, 2018) em meios de atendimento às três pessoas mais importantes do mundo: *me, myself and I* (mim, eu mesmo e eu). Agora podemos escolher com o que iremos entrar em contato. Passamos a ser atendidos até no que vamos ler, assistir, ouvir, isto é, temos mais uma oportunidade de garantir que continuaremos a ser mimados porque podemos escolher o que ler, assistir ou ouvir, sem encontrar o que não se deseja. Qual a consequência? O controle para só encontrar os que também fazem as mesmas escolhas.

Quando acionamos esses filtros para não encontrar o que não queremos, também nos afastamos da convivência com o que não conhecemos, e, como não sabemos quais os critérios empregados nas escolhas que os filtros fazem, algumas vezes não reconhecemos porque nos enviam o que enviam. Apesar disso, de modo geral, ficamos muito confortáveis, porque eles nos fazem viver em um mundo no qual tudo gira ao nosso redor, e se são os filtros

---

<sup>10</sup> Seria uma importante contribuição se passássemos a empregar esta terminologia, uma vez que essas redes nos desabilitam para o convívio social.

que ficam entre nós e o mundo, eles tendem a moldar um mundo para cada um de nós. E o mundo mesmo, com aquilo que não mais sabemos dele, por que os filtros não nos apresentam essas informações? O mundo se encolhe.

Pariser (2011) já nos avisou que o Google não oferece os mesmos resultados para todos os que fazem buscas. Desde 4 de dezembro de 2009, quando anunciou o início da busca personalizada, isto é, que cada busca passava a ser feita para atender o perfil indexado de cada usuário, o Google instaurou as existências filtradas, sem espaço para experiências não previstas. A personalização se tornou uma espécie de alfândega que permite ou barra as informações que chegam até nós. Você se sente atendido, se sente importante porque é atendido, recebe só o que te interessa, e esses filtros se transformam em uma outra bolha, a bolha dos filtros, a bolha que garante a existência e a sustentação da sua bolha pessoal. Como se vai ficando preso dentro de uma bolha, as escolhas tenderão a ser uma repetição das escolhas que regulam a bolha na qual estou. A complexidade da sociedade deixa de fazer parte das experiências que tenho.

Que as práticas de cidadania, que incluem interesses também dos que não estão na minha bolha, venham ficando cada vez mais reduzidas, não causa espanto, afinal, é necessário que existam laços e vínculos para que se trabalhe por interesses comuns, e esses laços e vínculos deixam de ser construídos com os que não estão na mesma bolha. Isso vai produzindo consensos dentro da bolha, e esses consensos desabilitam para o encontro com quem pensa diferente.

O não reconhecimento do Outro como um igual não é novidade. Nas colônias, os nativos eram tratados como seres tão próximos da natureza, que não podiam sequer ser definidos como humanos – critério que classificava quem era ou não matável. Quase ao final do *É isto um homem?* (1988), Primo Levi escreve que, no campo de concentração, pensar não servia para nada, porque lá, o que acontecia era, quase sempre, incompreensível. Dizia: “pensar é, também, um mal porque conserva viva uma sensibilidade que é fonte de dor” (LEVI, 1988, p. 252).

O mundo está povoado pelos sujeitos mimados nos quais nos tornamos, por convivermos somente com os ecos que confirmam que aquilo que dizemos, escolhemos, aceitamos, combatemos, valorizamos e desqualificamos é

o que vale. Em um ambiente no qual cada um lê o mundo a partir do que lhe agrada/desagrada e recusa ouvir não, a possibilidade de se relacionar com quem tem valores diferentes fica ameaçada. Sendo assim, o que nos cabe é lembrar de Primo Levi e buscar pela sensibilidade “que é fonte de dor” (LEVI, 1988), aquela que é conservada pelo ato de pensar.

Manter a habilidade de duvidar e formular perguntas – eis a nossa tarefa agora. Fazer do pensar crítico uma norma de conduta, para que o vírus que infectou a tantos que agora acreditam que “o outro é um inimigo”, não se torne um sistema de pensamento.

## Referências bibliográficas

- AGAMBEN, G. A propósito de Tiqqun. *In*: TIQQUN. **Contribuição para a guerra em curso**. São Paulo: n-1 edições, 2019. p. 259-266.
- ARANTES, P. **O novo tempo do mundo**: e outros estudos sobre a era da emergência. São Paulo: Boitempo, 2014.
- BARROS, M. **Memórias inventadas**: a infância. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.
- BOBBIO, N. **Direita e esquerda**: razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Unesp, 1995.
- BRUGNAGO, F.; CHAIA, V. A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. **Aurora**: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v. 7, n. 21, p. 99-129, 2014-2015.
- CARNEIRO, M. L. T. As pandemias e os medos sociais. **Terra**, [s. l.], 12 maio 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3AqaAZs>. Acesso em: 16 ago. 2022.
- CESAR, J. Grupo CasaPound reinventa o fascismo italiano. **Estado de Minas**, [s.l.], 16 fev. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3pqXeGh>. Acesso em: 16 ago. 2022.
- DI FATIMA, B. **Dias de tormenta**: os movimentos de indignação que derrubaram ditaduras, minaram democracias no mundo e levaram a extrema-direita ao poder no Brasil. São Paulo: Geração Editorial, 2019.
- FELINTO, M. Ricos fazem, acontecem e não vão mudar jamais. **Folha de São Paulo**, [s. l.], 16 fev. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3STKLID>. Acesso em: 16 ago. 2022.
- FERNANDES, D. 4 dados que mostram por que Brasil é um dos países mais desiguais do mundo, segundo relatório. **BBC News Brasil**, Paris, 7 dez. 2021. Disponível em: <https://bbc.in/3dCi0A8>. Acesso em: 16 ago. 2022.
- ISMÁLIA. **Intérpretes**: Emicida, Larissa Luz e Fernanda Montenegro. *In*: AMARELO. **Intérprete**: Emicida. São Paulo: Sony Music, 2019. 1 CD, faixa 8.

- KATZ, H. A internet das coisas e o conflito jurídico na dança da cidade de São Paulo. *In*: ENCONTRO CIENTÍFICO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA, 5., 2016, Natal. **Anais** [...]. Natal: Associação Nacional de Pesquisadores em Dança, 2016.
- KATZ, H. Do Homo oeconomicus ao Homo politicus: a dança na cidade de São Paulo. *In*: ENCONTRO CIENTÍFICO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA, 5., 2017, Natal. **Anais** [...]. Natal: Associação Nacional de Pesquisadores em Dança, 2017.
- LEVI, P. **É isto um homem?** São Paulo: Rocco, 1988.
- MACHADO, J.; MISKOLCI, R. Das Jornadas de Junho à Cruzada Moral: o papel das redes sociais na polarização política brasileira. **Sociologia e Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 945-970, 2019. DOI: 10.1590/2238-38752019v9310.
- MCCOY, J.; RAHMAN, T.; SOMER, M. Polarization and the Global Crisis of Democracy: Common Patterns, Dynamics, and Pernicious Consequences for Democratic Politics. **American Behavioral Scientist**, Thousand Oaks, v. 62, n. 1, p. 16-42, 2018.
- PARISER, E. **O filtro invisível, o que a internet está escondendo de você**. São Paulo: Zahar, 2011.
- TIQQUN. **Contribuição para a guerra em curso**. São Paulo: n-1 edições, 2019.
- UGRESIC, D. **Karaoke Culture**. New York: Open Letter, 2011.
- VAIDHYANATHAN, S. **Antisocial Media**: how Facebook disconnect us and undermine Democracy. New York: University of California Press, 2018.
- VELICKOVIC, V. Open wounds, the phenomenology of exile and the management of pain: Dubravka Ugresic's The Ministry of Pain. *In*: GUTTHY, A. (ed.). **Literature in Exile of East and Central Europe**. New York: Peter Lang, 2009. p. 139-154.

Recebido em 26/06/2022

Aprovado em 26/07/2022

Publicado em 18/10/2022